

As Relações Entre Corpo E Poder, Em *Novas Cartas Portuguesas*

Profa. Dra. Telma Aparecida Mafra (UniABC)

Resumo:

A sociedade portuguesa foi construída sob a marca da desigualdade entre homens e mulheres. Essa diferença foi sendo disseminada através de práticas simbólicas que consciencializaram a mulher portuguesa acerca do papel social que se esperava dela. Para essa mulher quase arquetípica, a sexualidade sempre foi um terreno inóspito. O prazer lhe foi assunto negado, ou quando muito, mascarado em linguagem subliminar de que o corpo feminino é um espaço sem muitos direitos. Mais do que ser um tema quase proibido, o prazer sensual feminino é visto como uma possibilidade pecaminosa. Em Novas Cartas Portuguesas, as questões acerca do feminino e de sua sexualidade surgem com muita força. Assim, essa comunicação objetiva evidenciar como as relações entre corpo e poder são abordadas nessa obra.

Palavras-chave: identidade, mulher, Novas Cartas Portuguesas, corpo, poder

Introdução

A identidade social é construída por várias identidades. Um sujeito social surge, em diferentes situações e posições, acionando diversas identidades, escolhidas dentre as que formam o estoque das que constituem a identidade social. Para as mulheres, as referências que compuseram essa identidade eram essencialmente as de filha, esposa e mãe.

De acordo com R.Cardoso de Oliveira, "a reflexão acerca da identidade evidencia ao menos dois aspectos fundamentais. Primeiro, o de pertencimento a um grupo; segundo, a noção contrastiva, ou seja, a percepção dos iguais e dos diferentes" (1976.p.135).

Ao acompanharmos os caminhos da mulher na História vemos que as descendentes de Lilith e Eva não gozavam de boa reputação. A alma feminina por muito tempo foi associada à levandade, ao pecado e à perdição.

O discurso bíblico influenciou na elaboração de modelos de opressão e de discriminação da mulher, ao evidenciar a imagem do corpo feminino, especialmente seu sexo, como uma encarnação do demônio. Depois dessa associação ao pecado, ao mal e à luxúria, com o passar do tempo, o catolicismo começou a estimular a mulher a tomar a Virgem Maria como modelo de pureza, de castidade e de submissão - iniciava-se assim o marianismo.

Mesmo que inegavelmente o estatuto da mulher tenha melhorado nessa época, sua imagem ainda era ambígua, visto que oscilava entre dois pólos: a condenação (apesar da campanha marianista) e a exaltação. A imagem da mulher como *instrumentum diaboli*, cujo exemplo emblemático foi Eva, passou a conviver com outra imagem, agora antitética: a da mulher *sancta ac venerabilis*, cujo modelo era inspirado em Maria. Alicerçada nessas duas representações, a literatura eclesiástica teceu muitas informações sobre o feminino.

1 A mulher em Portugal

A sociedade portuguesa, assim como várias outras, foi construída sob a marca da desigualdade entre homens e mulheres. Essa diferença do feminino não é trazida apenas pela construção cultural antiga e tradicional, mas, em Portugal, também é consolidada enquanto estatuto legal de diferença social e política, institucionalizada inclusive pela Constituição. Para ter-se idéia da dimensão dessa desigualdade, basta ver que em 1938 foi criada, em Portugal, a Mocidade Portuguesa Feminina (MPF), que era dirigida a todas as meninas de 7 a 14 anos, obrigatoriamente, e

visava prepará-las para o papel que se esperava delas: ser boa mãe e esposa. Essa organização dispunha de dois periódicos (Boletim da Mocidade Portuguesa e Revista Menina Moça) que veiculavam os princípios que regiam a vida da mulher: obediência, lealdade, vigilância, previdência, docilidade e sacrifício.

Assim a educação era um sistema que garantia a submissão feminina. Por ser constantemente interiorizada essa educação era veiculada sem questionamentos e dava sentido à vida das portuguesas, de forma que sua identidade estava atrelada aos valores que lhes eram transmitidos.

A diferença entre os sexos foi sendo disseminada lenta e constantemente, através de práticas simbólicas que consciencializaram as mulheres portuguesas acerca do papel social que se esperava delas. Se a possibilidade de ascensão da mulher era ainda muito restrita e a obediência ao pai ou ao marido era uma determinação social, restava-lhe então a satisfação em agradar, em corresponder aos modelos de virtude e de docilidade.

Assim as mulheres portuguesas, ao longo dos séculos, foram sendo desqualificadas em vários sentidos, a ponto de serem destituídas de sua individualidade e diluídas a uma massa anônima. Tornaram-se mulheres arquetípicas, as quais são irrepresentáveis em si, isoladamente. Vera Paiva salienta que o arquétipo "é uma disposição que inicia o funcionamento da mente, arranja o material da consciência a padrões definidos, como num campo magnético." (1992.p.38)

Para essa mulher que adquire estatuto arquetípico, a sexualidade sempre foi um terreno inóspito, com conhecimento centrado geralmente nos aspectos da reprodução humana. O prazer lhe foi assunto negado, ou quando muito, mascarado em linguagem subliminar de que o corpo feminino é um espaço sem muitos direitos. Mais do que ser um tema quase proibido, o prazer sensual feminino é visto como uma possibilidade pecaminosa ou sequer imaginada - herança das tradições cristãs.

Para a sociedade portuguesa, a manifestação da sexualidade feminina apresentava-se como algo ameaçador e perturbador do equilíbrio, visto ser um arrebatamento que deveria ser controlado. Tal manifestação destruiria o estereótipo de passividade e de figura de autômato sem desejo, a que a mulher deveria corresponder.

O controle da sexualidade feminina, associado a diversas influências culturais, levou a mulher a acreditar que ao homem cabem todos os desejos e prazeres e que ele existe para protegê-la; assim, na dependência feminina estaria a sua salvação.

Esses domínios rígidos sobre a sexualidade e os destinos da mulher incorporaram um padrão que sobreviveu por muitos séculos e que em Portugal resistiu até mesmo às tentativas revolucionárias de alguns movimentos feministas.

2 O corpo feminino em Novas Cartas Portuguesas

Em *Novas Cartas Portuguesas*, as questões acerca do feminino, da crise dos papéis tradicionais, da identidade feminina e principalmente da sexualidade surgem com muita força, revelando o caráter de ousadia - principalmente ao lembrar que sua publicação deu-se em plena ditadura salazarista. Na apreensão da obra, o censor relatava:

Este livro é constituído por uma série de textos em prosa e versos ligados à história Mariana, mas em que se proconiza sempre a emancipação da mulher em todos os seus aspectos, através de histórias e reflexões. Algumas das passagens são francamente chocantes por imorais (...), constituindo uma ofensa aos costumes e à moral vigente no País" (AZEVEDO, 1997. p.121).

O diário de uma das personagens, Ana Maria, mulher questionadora e esclarecida, evidencia que "a primeira repressão, aquela em que veio assentar toda a história do gênero humano, criando o

modelo e os mitos de outras repressões, é a do homem contra a mulher" (BARRENO *et al*, 1979.p.231).

Maria de Lurdes Pintassilgo, no prefácio à terceira edição de *Novas Cartas Portuguesas* (BARRENO *et al*,1979.p.9), afirma que o corpo é o "primeiro campo de batalha onde a revolta se manifesta". Essa assertiva encontra ressonância no pensamento de Foucault, que em sua obra *Microfísica do poder* expõe que:

(...) o poder intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos - o seu corpo - e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder (FOUCAULT, 1988,XII)

Assim, uma vez que o poder se efetiva primeiramente através do corpo e nas relações cotidianas, é também através do corpo que a reação ao poder pode acontecer. O corpo é a força que deve fazer frente a outras forças e o resgate de seu domínio e de sua vontade física, é o primeiro passo para a criação de uma consciência feminina.

Em *Novas Cartas Portuguesas*, as três Marias desafiam a moral vigente, ao explorar o domínio masculino sobre o corpo e todos os demais aspectos relativos à sexualidade, visto que eram assuntos interditos à mulher.

Carta a carta, texto a texto, as personagens, porta-vozes das Marias, vão se permitindo manifestar seus desejos, vão rompendo padrões e os ditos pecados. Falam sobre seu corpo, numa íntima e expressa relação, na tentativa de se afastarem de medos e travas. Se não tem com o homem uma relação de prazer,

Compraz-se Mariana com seu corpo (...) os dedos bem fundo perdidos na humidade viscosa da vagina, os ombros erguidos, a cabeça apoiada no travesseiro, os braços tensos como que para lhe reter os quadris estreitos que se movem na consentida busca da voragem do útero. (BARRENO *et al*, 1979.p.87)

Em um país cujas ordenações marialvas estão registradas no inconsciente coletivo, as Marias, direta ou indiretamente, conclamam a mulher, através do corpo, a criar seu espaço, visto que ele é um lugar prático e direto de controle social.

Além de evidenciarem a possibilidade do prazer feminino, mesmo que solitário, as Marias, em oposição, também revelam o outro lado dessa questão: mostram, em várias situações, a mulher como mero objeto de prazer masculino. Falam da "submissão da mulher, o domínio sobre ela como paixão-desejo, nunca porém desligada da posse, da violentação" (BARRENO *et al*,1979.p.107).

Em *Novas Cartas Portuguesas*, tanto essa sujeição é presente, que por mais que o homem imprima-se como "macho somente dono", a mulher aguarda dele "brandura, tolerância, condescendência" e, depois do sexo, assume um "ar composto de quem cumpre um dever vindo, herdado de nossas mães e avós, o prazer (não muito, claro) fingido, imitado bem, a fim de se lhes dar a constante certeza de sua vigorosa virilidade" (BARRENO *et al*, 1979.p.131).

Mesmo quando a mulher não finge prazer, por sua herança de docilidade e de dever, ela aceita o homem, o seu corpo e o seu domínio, pois sabe "quão pouca valia têm nossos desejos ou querer, sejam eles de razão ou de coração". Com "repugnância" e "martírio", essa mulher questiona: "Sabes tu o que é sermos tomadas nuas por mãos apressadas e bocas moles de cuspo? O corpo dilacerado por membro estranho, escaldante, a magoar sobretudo a alma?" (BARRENO *et al*,1979.p.167) E em uma frase, resume sua indignidade e abjeção: "Que desgraça o se nascer mulher!".

Em *Novas Cartas Portuguesas*, as três Marias afirmaram:

A repressão perfeita é a que não é sentida por quem a sofre, a que é assumida, ao longo duma sábia educação, por tal forma que os mecanismos da repressão passam a estar no próprio indivíduo (...). E se acaso a mulher percebe a sua servidão, e a rejeita, como, a quem, identificar-se? Onde reaprender a ser, onde reinventar o modelo, o papel, a imagem, o gesto e a palavra...? (BARRENO *et al*, 1980.p.231-232)

A mulher está tão acostumada a essa sociedade repressora, que passa ela também a ser seu algoz; reproduz a ideologia dominante e resigna-se a seu papel. A idéia de poder não se circunscreve apenas à proibição, à inibição, à restrição e à repressão, mas também à incitação de um comportamento, à suscitação de idéias ou ao incentivo à manutenção de determinadas atitudes. É uma outra forma de disciplina, vigiada não mais por um poder centralizado, mas organizada em torno de um sistema de vigilância constante e generalizado. É a própria sociedade que cobra da mulher determinadas atitudes e comportamentos e essa forma de controle estende-se a todos os níveis e pontos da rede social. É a chamada "sociedade disciplinar", na denominação de Foucault.

Um exemplo está na fala de D. Maria Ana, uma descendente direta de D. Mariana, sobrinha de Mariana Alcoforado, que diz: "Que mulher não é freira, oferecida, abnegada, sem vida sua, afastada do mundo? Qual a mudança na vida das mulheres?" (BARRENO *et al*, 1979.p.172)

Mesmo em meio a essa ancestralidade de aceitação que consolidou a passividade feminina, em *Novas Cartas Portuguesas*, é possível que o homem se depare com situações que equivalem a pequenas vinganças da mulher, quando esta percebe que nem sempre é ele quem tem o total controle. Em uma correspondência trocada entre Mariana e D. Joana de Vasconcelos, esta mostra satisfação por não poder gerar um filho do marido, a quem o seu corpo recusa-se "mesmo quando rendido, crispado todo de ânsia e repugnância" (BARRENO *et al*, 1979.p.167).

Como resposta, Mariana sentencia : " Vingança é a tua esterilidade, desforra; por ela te negas a ser utilizada.(...) Fêmea para dar crias: a isso te recusas pelo útero, em tua revolta, Joana, e abençoada sejas!" (BARRENO *et al*, 1979.p.178)

Em várias passagens da obra surgem palavras relativas à sexualidade, como seios, pênis, vagina, gozo; ora evidenciando momentos de prazer, ora evidenciando momentos de dominação. O sexo vai sendo construído, a fim de revelar-se como o lugar mais íntimo onde a opressão se efetiva, e muitas vezes, da maneira mais vexatória, acompanhada de humilhação e dor, nos espaços da vida privada.

As personagens de *Novas Cartas Portuguesas* são, em sua maioria, mulheres: jovens e velhas, mulheres que trabalham fora ou que passam o dia a fiar, mulheres de tempos longínquos ou aquelas que transitam no século XX, mulheres solitárias pela ausência de seus companheiros e mulheres solitárias na presença destes. As Marias criam mães, filhas, sobrinhas, amigas - mulheres de todos os tipos e que representam todos os papéis, mas que se configuram enquanto agentes de denúncia. Algumas dessas personagens servem para desmistificar padrões antiquíssimos, como exemplos, a proteção familiar e a sacralização da figura materna.

A mãe, que sempre foi um ícone e a representação viva do marianismo, em várias narrativas dessa obra, recebe tratamento adverso ao esperado. É vista como aquela que auxilia na manutenção do status quo em que a mulher ainda se insere e, muitas vezes, mostra-se cúmplice dos males impostos à filha.

Um exemplo é a narrativa intitulada "O pai", que mostra um pai estuprando a própria filha, mas que justifica seus atos através do comportamento descuidado da menina:

Era perversa: trazia os cabelos em desalinho e mornos de sono quando o beijava de manhã, a dar-lhe os bons dias, com uma distração de hábito tomada. (...) Era perversa: tinha um riso liberto, sedento, e uma maneira envolvente de olhar os outros. (BARRENO *et al*, 1979.p.161-163)

O pai deixa explícito que a negligência da menina é que o impeliu ao sexo, o que mostra uma total inversão da culpabilidade do crime. O ato foi inesperado e violento, enquanto Mariana dormia: "tapa-lhe a boca com força, brutal, mantendo-a deitada, firmemente, debaixo do seu corpo", e o pai permanece "todo o tempo mudo, mesmo enquanto a forçara", e depois "sai de dentro de si sujando-a de esperma também por fora". Quando a menina julga que seu sofrimento acabou, vem a sentença do pai:

Tens de deixar esta casa (...) não podemos continuar a viver todos juntos na mesma casa depois do que se passou. Foste a culpada de tudo, bem sabes que foste a culpada de tudo, eu sou homem; sou homem e tu és provocante, perversa. (...) Não te quero ver mais, enojas-me, repugnas-me, envergonhas-me. (BARRENO *et al*, 1979, p.161-163)

Depois disso, a única solidariedade com a qual a filha poderia contar, é a da mãe. No entanto, em vez de mostrar-se solidária, esta passa à condenação, em coro com o pai, chamando a menina de "grande cabra".

Essa imagem materna corrompe os modelos já institucionalizados e associa a mãe à rejeição, ao mal, à parcialidade e principalmente, à extrema submissão aos valores masculinos.

Conclusão

Os mecanismos de dominação, de controle, de submissão, de docilidade e de utilidade estão dispersos em toda a rede social. De acordo com Foucault, o poder "poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns" (1992, p.183). Assim, seria um sofisma afirmar que o poder está nas mãos masculinas e que a mulher é uma pobre vítima desse sistema desigual. Todo poder que abunda de um lado, escasseia do outro; toda dominação só existe na medida em que há subserviência.

Como nos mostra a obra *Novas Cartas Portuguesas*, a mulher, por séculos e séculos aceitou seu lugar na menoridade, colaborou para que essa imagem de fragilidade fosse solidificada e viveu a experiência de se deixar de fora em relação ao que desejava ou esperava. Acostumou-se a essa exotopia e passou a mantê-la subsequente, fazendo, inclusive, sua própria fiscalização. Não podia assumir outra imagem, por falta de autognose; e caso não aceitasse essa representação, não teria outra em que se enquadrar.

Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa perceberam que transformações identitárias estão associadas a transformações nos níveis de consciência e que esta pode se dar por vários caminhos, dentre eles pelo discurso literário. Pensar em uma infundável estagnação seria conduzir as mulheres à condição de coisa, seria inclusive, negar a dialética do próprio fenômeno humano.

Assim, as referências ao corpo e à sexualidade, feitas em *Novas cartas portuguesas* têm por finalidade quebrar essa ordem restritiva. Entender a dominação pelo corpo e assumir os próprios prazeres, representa um caminho para a mulher chegar à sua própria identidade.

Referências Bibliográficas

[1] ALMEIDA, Maria Aparecida Fonseca de. *Novas Cartas Portuguesas: o exercício da linguagem e o exercício da paixão*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP/SP, 1982.

- [2] AZEVEDO, Cândido de. *Mutiladas e proibidas - Para a história da censura em Portugal nos tempos do Estado Novo*, Editorial Caminho, 1997.
- [3] BARRENO, Maria Isabel; COSTA, Maria Velo da; HORTA, Maria Teresa. *Novas Cartas Portuguesas*. 3ª ed., Lisboa: Moraes Editores, 1979.
- [4] CASTRO, Ferreira. *Eleições Legislativas – Subsídios para a história da vida portuguesa (1945-1973)*, Ed. Delfos, 1973.
- [5] FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado, 7 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- [6] MORAES, Tereza. *Literatura e escritura: caminhos da liberação feminina*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Letras clássicas e vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001.
- [7] OLIVEIRA, R. Cardoso de. "Um conceito antropológico de identidade" in *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- [8] PAIVA, Vera. *Evas, Marias, Liliths*. São Paulo: Brasiliense, 1992
- [9] PILOSU, Mário. *A mulher, a luxúria e a igreja na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1995.
- [10] RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- [11] SANTOS, Dulce Oliveira Amarante dos. *O corpo dos pecados: representações e práticas socioculturais femininas nos reinos ibéricos de Leão, Castela e Portugal (1250-1350)*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP/SP, 1997.
- [12] SEIXO, Maria Alzira. "Quatro razões para reler Novas Cartas Portuguesas" in *Ciberkiosk*, 1998.

Autor

Telma MAFRA, Dra.
Universidade do Grande ABC (UniABC)
Depto. Humanas – Letras
telmamafra@uol.com.br